

## O PROTAGONISMO INDÍGENA NA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

## INDIGENOUS PROTAGONISM IN DISCURSIVE REPRESENTATION OF THE COVID-19 PANDEMIC

## EL PROTAGONISMO INDÍGENA EN LA REPRESENTACIÓN DISCURSIVA SOBRE LA PANDEMIA DE COVID-19

*Hericley Serejo Santos  
Vânia Maria Torres Costa*

**Resumo:** Diante dos impactos da pandemia da Covid-19 sobre as populações indígenas amazônicas, este artigo busca compreender como os jovens comunicadores indígenas da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) representam discursivamente a realidade de seus povos nesse contexto e lançam mão de estratégias comunicativas e argumentativas no projeto dramático para despertar efeitos de sentido nos ouvintes. A partir da análise empírica da comunicação narrativa (MOTTA, 2013), o texto analisa o podcast "Vozes Indígenas da Amazônia", produzido por esses jovens. O artigo ainda reflete sobre a importância do protagonismo indígena para o melhor entendimento sobre suas demandas e como se transformam em agentes de mediação do olhar de seus povos, reverberando suas vozes em diferentes formatos e línguas e fortalecendo a valorização de sua própria história.

**Palavras-chave:** Indígenas. Amazônia. Narrativa. COIAB. Educomunicação.

**Abstract:** Faced with the impacts of the Covid-19 pandemic on Amazonian indigenous populations, this article seeks to understand how young indigenous communicators from the Coordination of Indigenous Organizations of the Brazilian Amazon (COIAB) discursively represent the reality of their peoples in this context and use communicative and argumentative strategies in the dramatic project to awaken effects of meaning in listeners. Based on empirical analysis of narrative communication (MOTTA, 2013), the text analyzes the podcast "Indigenous Voices of the Amazon" produced by these young people. The article also reflects on the importance of indigenous protagonism for a better understanding of their demands and how they become agents of mediation of the gaze of their peoples, reverberating their voices in different formats and languages and strengthening the appreciation of their own history.

**Keywords:** Indigenous. Amazon. Narrative. COIAB. Educommunication.

**Resumen:** Frente a los impactos de la pandemia de Covid-19 en las poblaciones indígenas amazónicas, este artículo busca comprender cómo los jóvenes comunicadores indígenas de la Coordinación de Organizaciones Indígenas de la Amazonía Brasileña (COIAB) representan discursivamente la realidad de sus pueblos en este contexto y utilizan estrategias comunicativas y argumentativas en el proyecto dramático para despertar efectos de sentido en los oyentes. A partir del análisis empírico de la comunicación narrativa (MOTTA, 2013), el texto analiza el podcast "Voces Indígenas de la Amazonía" producido por estos jóvenes. El artículo también reflexiona sobre la importancia del protagonismo indígena para una mejor comprensión de sus demandas y cómo se convierten en agentes de mediación de la mirada de sus pueblos, haciendo resonar sus voces en diferentes formatos e idiomas y fortaleciendo la valoración de su propia historia.

**Palabras clave:** Indígenas. Amazonía. Narrativa. COIAB. Educomunicación.

## 1 INTRODUÇÃO

A deflagração do estado de emergência sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, em março de 2020 (UNA-SUS, 2020), transformou o cotidiano de toda humanidade, levando-a, do dia para noite, a uma corrida contra o tempo para garantir a sobrevivência diante do risco de morte iminente provocado pelo novo Coronavírus. Nesse cenário, fatores sociais e políticos influenciaram a forma como diferentes nações enfrentaram os efeitos da pandemia. No Brasil, de acordo com relatório internacional envolvendo pesquisadores de 16 países, as controvérsias e polêmicas a respeito do isolamento social e da administração de medicamentos, cuja eficácia de combate ao vírus não tinha comprovação científica, levaram o país a ser considerado, ao lado dos Estados Unidos, como “um dos maiores fracassos no combate à Covid-19” (BERNARDES, 2021, n.p).

Embora os efeitos do descaso com que autoridades públicas, notadamente o Governo Federal por meio do chefe do Executivo, tenham atingido cidadãos de áreas urbanas e rurais com impactos semelhantes, as consequências de insuficiente política de combate ao vírus e de atendimento em saúde foram ainda mais graves para os povos originários.

Se, por um lado, a pandemia forçou a humanidade à experiência do isolamento que há anos muitos povos indígenas vivenciam para garantir sua existência (KRENAK, 2020), por outro, provocou um movimento inverso nos ambientes digitais. No esforço de informar, sensibilizar e garantir a sobrevivência a um vírus com potencial de provocar outro genocídio (COSTA; COSTA, 2020), indígenas se apropriaram de linguagens midiáticas para disseminar os impactos da Covid-19 e métodos de prevenção.

Foi nesse contexto que a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), constituiu a Rede de Jovens Comunicadores, em 2021. Sediada em Manaus, a COIAB atende a pelo menos 180 povos indígenas de diferentes etnias, correspondentes a 60% da população indígena brasileira, contando com uma diversidade sociocultural impressa em mais de 160 línguas

diferentes (COIAB, 2020). Composta por 31 jovens indígenas que já atuavam como *videomakers*, fotógrafos, blogueiros e *youtubers*, oriundos de 29 povos diferentes, dos nove Estados da Amazônia Legal, a Rede foi criada para dar suporte ao projeto “Povos Indígenas da Amazônia no Combate à Covid-19” (PIACC), e posteriormente, a partir de pressupostos educomunicativos, assumiu o protagonismo das ações do projeto com a produção de vídeos, *podcasts*, animação, cartazes e cartilhas informativas. Para este artigo, nos debruçamos sobre um desses produtos, o *podcast* “Vozes Indígenas da Amazônia”, disponível no *Spotify* (COIAB, 2021).

Os pressupostos educomunicativos se originam do campo de interface entre Educação e Comunicação, chamado Educomunicação, que corresponde ao:

conjunto das ações voltadas para a criação de ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, favorecedores tanto de relações dialógicas entre pessoas e grupos humanos quanto de uma apropriação criativa dos recursos da informação nos processos de produção da cultura e da difusão do conhecimento (SOARES, 2002, p. 59).

Adotamos metodologicamente a análise crítica da narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), para compreendermos, a partir da análise pragmática da comunicação narrativa presente no *podcast*, como os jovens comunicadores indígenas da COIAB representaram discursivamente a realidade de seus povos durante a pandemia da Covid-19 e lançaram mão de estratégias comunicativas e argumentativas no projeto dramático para despertar efeitos de sentido nos ouvintes.

## **2 PROTAGONISMO, APROPRIAÇÃO MIDIÁTICA E VOZES INDÍGENAS**

O protagonismo indígena na produção de conteúdos midiáticos pode ser justificado tanto pela capacidade de maior alcance das tecnologias da comunicação, quanto pela não credibilidade ou incompletude que atribuem à imprensa, a qual, no geral, não considera a pluralidade sociocultural das etnias ou não investiga satisfatoriamente questões ligadas às suas especificidades (COSTA; COSTA, 2020; BELTRÃO, BELTRÃO, 2019).

Com o distanciamento físico entre as principais medidas preventivas à Covid-19, o *podcast* aparece como um dos recursos viáveis para a propagação das informações de prevenção e sensibilização por apresentar aderência a condições próprias desses povos, como aquelas referentes à ocupação territorial das populações indígenas e à cultura, quando consideramos a tradição oral e a diversidade idiomática (CHAGAS; CRUZ; MARTNISKI, 2021).

Diante das características do *podcast* e a mediação que proporciona ao ciberjornalismo, Falcão e Temer (2019, p. 1) arriscam considerá-lo como um gênero jornalístico. Para Bastos (2005), o ciberjornalismo corresponde à produção voltada para a internet com constituição tecnológica própria, a qual define sua operacionalização. Falcão e Temer (2019) diferenciam o *podcast* do rádio por meio da distribuição e da flexibilização do tempo que essa mídia sonora proporciona, tanto a respeito da periodicidade de sua produção, quanto do seu consumo. No contexto indígena, Chagas, Cruz e Martniski (2021) se referem ao *podcast* como “produções do rádio expandido”, considerando a diversidade de plataformas utilizadas, como o *WhatsApp*. Tratando-se da linguagem radiofônica associada à internet, o início da apropriação pelos povos originários no Brasil se deu com o surgimento da rádio Yandê em novembro de 2013, desenvolvida por indígenas do estado do Amazonas, reconhecida como a “primeira web rádio indígena do país” (LOZOVEI, 2021, p. 242).

É pela reivindicação do olhar às particularidades dessas populações (COSTA; COSTA, 2020) que a COIAB inseriu práticas educacionais entre as ações da Rede de Jovens Comunicadores, por estas proporcionarem a oportunidade de reverberação das vozes de diferentes povos, contribuindo, sob um processo intercultural (CANCLINI, 2009), com a luta pelo reconhecimento de suas diferenças.

Compreendemos cultura, ancorados em Canclini (2009, p. 41), a partir de uma definição sociossemiótica, como “o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. A interculturalidade (CANCLINI, 2009) está voltada à análise e reflexão sobre o processo de

interação que permeia as culturas em diferentes âmbitos de socialização, em um fluir de mútua contribuição, mudança ou transformação. Afinal, “um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações sociais” (CANCLINI, 2009, p. 42).

Na Amazônia, percebemos que há uma pluralidade de saberes culturais e de contribuições que podem proporcionar a diferentes campos do conhecimento, no entanto, encontram-se ainda ofuscadas por heranças históricas que remontam à época da invasão do território, o que ainda hoje é reforçado e retratado na mídia brasileira (SEIXAS, 2010). As riquezas naturais, a biodiversidade e o potencial econômico, marcado por grandes projetos e conflitos, se misturam ao exotismo, ao folclore e aos mistérios da floresta (SEIXAS, 2010; NUNES, NUNES; COSTA; COSTA, 2016; AMARAL FILHO, 2016) e provocam a atribuição de sentidos e formação de um imaginário que, a nosso ver, fazem recair sobre os saberes da Amazônia um caráter “primitivo, selvagem”.

Ao tratarmos das práticas de apropriação do processo de produção midiática pelos povos originários, adentramos as discussões realizadas sob a temática da comunicação indígena e nos deparamos com duas perspectivas principais: aquela que problematiza os processos comunicacionais conduzidos pela mídia hegemônica sobre as questões indígenas (BELTRÃO; BELTRÃO, 2019) e outra que discute a comunicação produzida e reverberada pelos próprios povos originários (PEREIRA, 2010; COSTA; COSTA, 2020). É nessa última perspectiva que nos ancoramos.

Discutindo a apropriação das tecnologias de comunicação por povos de diferentes etnias, Pereira (2010) aborda o que chama de “comunicação” indígena, notando um maior protagonismo desses povos nas narrativas de sua própria história e cultura, o que constituiria ao que a autora nomeou de “mídias nativas”. A comunicação indígena seria, então, entendida “como lugar de posição de sujeitos, de performatização de identidades e de emergência das diferenças”, para a qual as tecnologias da comunicação poderiam ser

consideradas como relevantes aliadas por possibilitarem “estilhaçar as imagens de ‘índio’, discursiva e tecnologicamente criadas ao longo do processo histórico brasileiro” (PEREIRA, 2010, p. 99).

A apropriação de linguagens midiáticas por povos indígenas não é um fenômeno recente. Em 1997, por exemplo, a Organização Não-Governamental Centro de Trabalho Indigenista (CTI) já realizava oficinas para ensinar a Aldeia Xavante de Sangradouro, no Mato Grosso, a produzir seus próprios vídeos, distribuindo câmeras e outros equipamentos (PEREIRA, 2010). A diferença entre essas oficinas e a perspectiva educomunicativa proposta pela COIAB, para além do crescente acesso à tecnologia móvel e à internet, está no processo de constituição e desenvolvimento dessas práticas, que são pautadas na participação ativa, no diálogo e no protagonismo, permeadas por mediações sócio-histórico-culturais próprias da contemporaneidade.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

De caráter qualitativo, nossa investigação adotou os procedimentos operacionais e reflexivos da análise pragmática da comunicação narrativa, proposta por Motta (2013), para o qual:

As narrativas são uma prática humana universal, constituidoras de nossas experiências mais profundas e transcendentais, assim como nossas experiências mais felizes ou amargas: elas nos representam, são metáforas das nossas vidas, refletem nossa relação com o real e o irreal, estabelecem fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, instituem nossas sociedades, constituem nossas nações, nosso mundo (MOTTA, 2013, p. 61-62).

Estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala (MOTTA, 2013, p. 27).

A partir das orientações do autor e de inferências vindas da criatividade metodológica evocada por ele próprio, trilhamos o seguinte percurso: 1) transcrevemos os episódios originais do *podcast* publicados no *Spotify*; 2) realizamos a leitura do texto transcrito para a elaboração de breve resumo de cada episódio original, pontuando a estrutura do encadeamento das ações e momentos de fala; 3) identificamos os novos episódios; 4) estabelecemos os

pontos a serem observados em cada movimento da análise; 5) e realizamos leituras e releituras para identificar e analisar, concomitantemente, conforme emergiam desse exercício, os elementos que compõem cada movimento.

Os seis episódios do *podcast* "Vozes Indígenas da Amazônia" foram publicados pela COIAB no Spotify em abril de 2021, bem como no Deezer<sup>1</sup>, no Audible<sup>2</sup> e no Amazon Music<sup>3</sup>, contando com 1h50min29s total em áudio.

Guiados por escolhas diretamente relacionadas ao nosso objeto de estudo e ao objetivo que nos propomos, definimos os elementos de análise, que receberam nossa atenção no processo de compreensão da representação discursiva da realidade dos povos indígenas retratada no *podcast*, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1 – Elementos de análise do percurso metodológico**

MOV	OBJETIVO	O QUE IDENTIFICAR/ANALISAR	PLANO	
1ª	Compreender a intriga como síntese do heterogêneo	A definição com exatidão do início, meio e fim do enredo	Estória	
		As partes componentes		
		As sequências básicas e encadeamentos		
		Os pontos de virada ou inflexões essenciais		
		As conexões entre os episódios		
2º	Compreender a lógica do paradigma narrativo	A construção da intriga como uma síntese do heterogêneo.	Estória	
		A lógica na conexão de uma ação a outra		Estória
		O universal do singular		Estória
3º	Deixar surgirem novos episódios	Como o narrador articulou o que lhe pareceu verossímil	Expressão	
		Unidades temáticas narrativas intermediárias	Estória	
4º	Permitir ao conflito dramático se revelar	Como funciona o princípio organizador que ordena a coerência, reduz a ambiguidade e a polissemia e gera sentido de uma representação social	Estória	
		Os conflitos dramáticos da estória para deduzir as artimanhas e estratégias discursivas conscientes ou não	Estória	
		Como o narrador intercala o processo de degradação (desestabilização) e melhoramento (estabilização) na estória	Estória	
		Se há conflitos no plano da metanarrativa de caráter ético, moral ou filosófico, político, religioso ou ideológico	Metanarrativa	
		Como o narrador coloca as personagens uns contra os outros e tece intrigas	Estória	

5º	Compreender as personagens como metamorfose de pessoa a persona	Os personagens que protagonizam os conflitos	Estória
		Os identificadores (cargos, funções etc.) e as correferências (competências para realizar certas ações ou declarar tal coisa)	Estória
		A intenção do narrador por trás dos papéis e funções desempenhadas pelos personagens	Estória
		As pistas em torno dos personagens pretendem instigar efeitos de sentido na audiência	Estória
		A oposição das ações mais relevantes (predicados) do personagem (a que a ação dele é resposta ou motivada)	Estória
6º	Compreender as estratégias argumentativas	As pistas dos efeitos de real (veracidade) e deduzir os efeitos estéticos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso etc.)	Expressão
		As marcas e pistas que identificam as estratégias do narrador e o jogo de poder	Expressão
7º	Permitir às metanarrativas aflorar	As experiências éticas, morais ou filosóficas dos enunciados narrativos (com aspectos políticos, religiosos, psicológicos ou ideológicos)	Metanarrativa
		O sentido da fábula: moral da estória.	Metanarrativa

**Fonte: Autores com base em Motta (2013).**

Como parte do percurso metodológico, cada ação foi analisada tendo em vista o plano da estória, que diz respeito ao conteúdo (a intriga, o enredo, o encadeamento, personagens etc.); o plano da expressão, referente às sensações e sentimentos que a narrativa busca despertar; e o plano da metanarrativa, que corresponde ao tema de fundo (MOTTA, 2013).

#### **4 ANÁLISE EMPÍRICA DA COMUNICAÇÃO NARRATIVA DO *PODCAST***

Os episódios do *podcast*, intuitivamente, facilitariam a identificação do início, meio e fim do enredo, tendo como totalidade a representação da realidade dos povos indígenas dos jovens comunicadores durante a pandemia da Covid-19. A proposta de Motta (2013, p. 141), no entanto, nos instiga a refletir sobre a composição da estória, a decompô-la e recompô-la de modo a “observar e compreender as estratégias e astúcias textuais que criam uma situação de comunicação em que há, de um lado, intenções e estratégias de comunicação de um narrador; de outro, respostas de uma audiência” (MOTTA, 2013, p.

146). Para isso, vale adiantarmos a compreensão sobre que narrador estamos falando, uma ação que compõe o 5º movimento, que trata sobre as personagens. A concomitância da análise dos movimentos é prevista por Motta (2013, p. 199), que não reserva um lugar fixo para cada um, mas observa que “as marcas e indícios da estratégia do narrador vão aparecer no texto em todos os demais passos”.

Em nosso contexto, pensamos no narrador como uma entidade que não está relacionada ao número de jovens que produziram o *podcast*. Mesmo diante da pluralidade de etnias que participaram como protagonistas ou convidados, o narrador se constitui como uma unicidade das dores, dos descontentamentos e do sentimento de injustiça que clama por políticas públicas e por direitos indígenas. Os jovens e as lideranças apenas “emprestam” suas vozes às reivindicações de milhares de indígenas, ou seja, o narrador constitui-se como uma representação discursiva dos indígenas amazônidas que compõem a COIAB.

Para definirmos o início, meio e fim, recorreremos ao 3º movimento, referente aos novos episódios que emergem da narrativa. Para Motta (2013, p. 128-129), na análise pragmática, há o estabelecimento de um contrato implícito entre quem narra e quem lê, ouve e/ou assiste a narrativa a partir de contextos que buscam “garantir a adesão do seu interlocutor destinatário em seu ato de fala”. Esse contrato é realizado pelo compartilhamento de contextos (extraverbal, empírico, prático, histórico e cultural). Observando a estrutura do *podcast*, percebemos a relevância dessa categorização para compor novos episódios, uma vez que por meio deles foi possível identificar “unidades temáticas [...], semanticamente coesas, que relatam ações ou conjunto de ações relativamente autônomas” (MOTTA, 2013, p. 160). Dessa forma, recompomos o início, meio e fim da narrativa a partir dos seguintes novos episódios:

Episódio 1: as consequências da pandemia da covid-19 sobre as populações indígenas. Localizado no contexto extraverbal, referente ao contexto físico, diz

respeito às descrições e relatos que envolvem as mortes, as dificuldades no acesso à assistência médica e psicológica insuficientes, as mudanças de hábitos culturais (compartilhamento, mobilização no território, os ritos de passagem), o aumento nos casos de (tentativas de) assédio sexual e da violência contra a mulher.

Episódio 2: as reações, os sentimentos e percepções da realidade pelos indígenas. Relacionado ao contexto empírico, que trata do “estado das coisas que conhecem aqueles que falam, ainda que não estejam à vista” (MOTTA, 2013, p. 129), é o episódio que reúne a descrição sobre o pânico das comunidades indígenas com a chegada da covid-19 às aldeias, o medo da morte dos parentes, a negação da realidade, o estado do não-luto diante do impedimento das práticas dos ritos de passagem e a solidariedade e ajuda mútua na busca por soluções imediatas;

Episódio 3: as respostas e alternativas adotadas pelos indígenas para lidar com a pandemia. Referente ao contexto prático, aquele onde “se desenvolve o ato comunicativo” (MOTTA, 2003, p. 129), diz respeito ao conjunto de ações de mitigação do impacto da covid-19, como as iniciativas das lideranças e organizações indígenas na solicitação de assistência (medicamentos, kit de prevenção, alimentos, atendimento psicológico) junto a instituições públicas, empresas e organizações não governamentais; a aplicação dos saberes da medicina tradicional a partir da utilização de produtos naturais para prevenir e tratar os infectados pelo vírus; as práticas religiosas, como o benzimento; e a realização de palestras e reuniões, no esforço de compartilhar informações sobre a doença e combater as fake News, principalmente aquelas que dificultaram a adesão à vacina.

Episódio 4: as entrelinhas do contexto histórico indígena. Correspondente ao *contexto histórico* dos falantes, este episódio trata de inferências que remetem, a partir dos relatos, ao abandono e esquecimento das causas indígenas que, de certa forma, motivam o surgimento e a permanência das organizações e movimentos indígenas, e aos impactos da interculturalidade

nas práticas sociais e culturais desses povos. Para Motta (2003, p. 130) seus procedimentos devem levar a observação “não dos fatos históricos *externos* à narrativa, mas sim *o discurso narrativo como fato histórico em si mesmo*, que em certa medida engloba o *externo*”. É nesse englobamento que nos pautamos, pois nos parece inviável compreender a representação de realidade que o podcast se propõe sem recorrer aos conhecimentos sobre a história dos povos originários brasileiros.

Episódio 5: as disrupções na tradição e cultura indígena. Pensado a partir do *contexto cultural*, referente à tradição e cultura, está relacionado às rupturas provocadas ou intensificadas pela covid-19, como as relações interpessoais de compartilhamento, a interrupção de práticas religiosas nos ritos de passagem, a influência da justiça ocidental sobre a tradição indígena, considerada mais rígida e imediata e os aspectos negativos do contato com a cultura ocidental, que potencializou o surgimento de violências, motivadas sobretudo pelo consumo de álcool e drogas; e, por outro lado, instigou a abertura de maior espaço para a escuta das mulheres, e proporcionou condições para a abordagem de temas tabus, como os casos de assédio sexual e violência contra a mulher.

A partir da estruturação desses novos episódios, percebemos um início marcado pelos relatos a respeito da dimensão que os impactos da Covid-19 tomaram sobre os povos indígenas; o meio composto por iniciativas destinadas à mitigação dos efeitos do vírus sobre a saúde, as relações sociais e o imaginário dos sujeitos; e um fim apontando para uma história continuamente em construção que, apesar de metodologicamente finalizada no último episódio enquanto comunicação narrativa, permanece inconclusa e demandante de ações que sejam suficientes para promoverem políticas públicas e garantirem os direitos dos povos indígenas.

Enquanto comunicação narrativa, o *podcast* está mais próximo da narrativa jornalística por se constituir de relatos dramáticos, porém fáticos, e não se propor a uma produção objetiva do fato social, mesmo recorrendo a efeitos

de veracidade. A estrutura dos episódios segue uma prática comum na produção de *podcast* (FALCÃO; TEMER, 2019), baseada em entrevistas e comentários. Como decorrência de uma necessidade própria das lutas e (r)existências, os episódios buscam envolver os ouvintes às culturas indígenas a partir das sonoridades dos instrumentos musicais, dos cantos e sons da natureza presentes em trechos introdutórios ou transitórios.

Identificamos três principais formas como os episódios encadeiam as ideias e a participação das diferentes lideranças: no primeiro formato, um jovem se identifica e introduz a fala do convidado, que participa em seguida, conectando cada conjunto de fala apenas por efeitos sonoros; no segundo formato, todos os jovens se apresentam e estabelecem uma relação de diálogo entre si, tecendo comentários e chamando uns aos outros para introduzirem seus convidados; e no terceiro formato, a interação engloba os entrevistados, dando a impressão de que todos estão em uma roda de diálogo.

Ainda no 1º movimento, Motta (2013, p. 144) propõe a localização dos pontos de virada, as ações que provocam transformações impactantes na estória, se configurando como “elementos estruturantes da narrativa que se conectam causal e temporalmente, de acordo com as intenções do narrador”. Destacamos três pontos de virada.

O 1º ponto de virada identificado foi a eficácia da medicina e saberes tradicionais indígenas na prevenção e tratamento dos infectados por Covid-19:

A nossa mãe trabalha muito com remédio caseiro, aí a gente tem, né; nunca faltou. A gente tem aqui mesmo nativo na aldeia, a gente pega, aí fazia as garrafadas, xaropes e dava, né, para as pessoas que deram [foram contaminadas] (COIAB, 2021, Patrícia Guajajara, Ep 2).

A referência à medicina tradicional aparece não apenas como uma resposta à falta ou insuficiente assistência à saúde. Percebemos um posicionamento, como se dissessem em outras palavras: nos falta assistência à saúde, mas nós temos nossos próprios remédios para curar nossos doentes.

O 2º ponto de virada está na descrição do não-luto, que interrompeu o processo de luto, constituído principalmente pelos ritos de passagem, ligados tanto a aspectos religiosos, quanto psicológicos.

Esse processo do não luto vem nas adoecendo, nos trazendo muita tristeza, nos trazendo doenças como depressão, ansiedade, porque não conseguimos chorar pelos nossos mortos. Não conseguimos fazer o nosso processo de término, não conseguimos ter o nosso ritual de passagem. [...] hoje é essencial ter uma psicologia realmente inclusiva, uma psicologia diferenciada nas aldeias. Para conseguir ajudar nesse processo, né (COIAB, 2021, Rejane Kaingang, Ep. 3).

Nesse ponto de virada, identificamos a intenção, consciente ou inconsciente, do narrador de sensibilizar o ouvinte com relatos que representam a angústia e a tristeza vivenciada por aqueles que sofreram pela morte de um ente querido.

O 3º ponto de virada refere-se à força da voz da mulher diante do combate às violências que se intensificaram contra elas durante a pandemia, retratadas em dois episódios.

Antigamente, né, as mulheres não tinham voz ativa. Hoje, a violência contra a mulher ela cresce [...], mas também cresce o número de mulheres que vem defender a sua causa, que vem defender os seus direitos. E os homens também têm por obrigação está defendendo essa causa (COIAB, 2021, Valdo Tembé, Ep. 3).

O narrador evidencia como produtos midiáticos semelhantes ao *podcast*, que abordam temas como assédio sexual, estupro e violência doméstica, ainda encarados como tabu por muitos povos originários, podem contribuir para o combate a esses tipos de violência e à proteção da vida das mulheres indígenas.

No 2º movimento, Motta (2013, p. 147) propõe uma análise mais profunda “rumo à essência da narrativa [...], buscando compreendê-la no seu contexto comunicativo como um projeto dramático de construção da realidade”. Uma das maneiras de proceder com a profundidade proposta é fazer emergir “o universal do singular, o necessário ou verossímil do episódico” (MOTTA, 2013, p. 148). Para isso, iremos nos concentrar nos episódios originais 1, 2 e 4, onde

o narrador atribui à negligência do Estado a causa das situações problemáticas que os povos indígenas foram sujeitos durante a pandemia. A falta ou o insuficiente abastecimento de alimentos, de kits de prevenção, de medicamentos e de atendimento psicológico aponta para uma demanda mais ampla que atinge, em geral, os povos originários do país, e o fazia muito antes dessa inimaginável emergência sanitária. É importante observarmos, no entanto, que há uma heterogeneidade da realidade representada pela narrativa, a partir dos relatos que apresentam condições diferentes entre povos e comunidades.

Nesse processo de constituição do projeto dramático, de representação da realidade indígena na Amazônia, o narrador articula elementos que sugerem ao ouvinte a veracidade dos fatos, como identificamos na autoridade que as lideranças personificam. São usados, também, dados dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DISEI) e do Departamento de Atenção à Saúde Indígena (DASI) para indicar o impacto da Covid-19 em números registrados até aquele momento (abril de 2021) de casos suspeitos (738), confirmados (44.461), descartados (55.341), recuperados (41.450) e óbitos (594), presentes no episódio original 3; uma forma de ratificar o contexto que a narrativa busca construir junto ao ouvinte. Há ainda as experiências do próprio narrador que, ao longo dos episódios, compartilha suas vivências e como suas comunidades lidaram com os efeitos da pandemia.

Para melhor compreendermos o projeto dramático recorreremos ao 4º movimento, dedicado à emergência dos conflitos, pois, para o autor, “o conflito (de interesses, de posições, psicológico etc.) funciona como um *frame cognitivo* que estrutura o enredo da narrativa, aglutina os acontecimentos isolados em sínteses compreensíveis” (MOTTA, 2003, p. 171). É ao conjunto dessas sínteses compreensíveis, carregadas de conflitos, que Motta atribui o nome de projeto dramático. A partir do plano da metanarrativa, destacamos três principais conflitos que estão no plano de fundo do *podcast*, localizados na posição simbólica que o personagem antagonista se encontra: de fora, de dentro e si próprio.

O primeiro conflito, de caráter político, envolve antagonistas de fora e está na relação com entidades públicas que provocam a urgência no atendimento de necessidades básicas, as quais, teoricamente, já deveriam ser atendidas, visto a institucionalização de direitos indígenas conquistados por meio de políticas públicas. O conflito é identificado nos relatos que tomam a forma de denúncia, quando os convidados afirmam que suas comunidades não tiveram acesso à alimentação e à medicação, por exemplo. O descaso das autoridades públicas é denunciado ainda quando tratam de problemas que existem entre os povos desde que se aproximaram da cultura ocidental, mas que foram acentuados com a chegada da pandemia, como o alcoolismo e a violência contra a mulher.

O segundo conflito, de caráter moral, foi o motivado pelas *fake News*, que transformou os de dentro em antagonistas diante das medidas preventivas contra a doença. De forma implícita, ao narrarem o impacto das *fake News*, em que informações de que a vacina iria matar os parentes, que estariam recebendo o “selo da besta” (em referência ao livro de Apocalipse, que compõe a Bíblia do cristianismo católico e, por isso, faz o conflito também assumir um caráter religioso) ou que corresponderia à implantação de um chip, as lideranças adotaram uma postura de combate a essas notícias e ainda aos sujeitos enganados por elas que as proliferaram nas aldeias, colocando em risco a vida de toda a comunidade.

O terceiro conflito, de caráter cultural e psicológico, encontra-se na relação consigo próprio em que, impedidos de realizar os ritos de passagem para aqueles que foram vítimas da Covid-19, membros das comunidades indígenas passam a desenvolver doenças psicológicas, como depressão e ansiedade, pelos conflitos culturais e pessoais provocados pela dor da perda e interrupção cultural. Aqui, vale ilustrar o conflito com o relato de Rejane Kaingang, psicóloga indígena, no 3º episódio:

Na minha aldeia, o umbigo da criança, quando nasce, é enterrado na porta de casa, dentro da aldeia, né. Então, esse espírito ele vai ficar dentro da aldeia até não ser feito esse ritual de passagem. Porque para nós isso é muito mais do que um término, né, é um processo de passagem e que temos que chorar pelos nossos mortos. E quando nós não choramos

os nossos mortos, nós adoecemos, né. E sem falar que nós acreditamos que os nossos mortos, eles, ficarão ali. Então, esse processo, ele pode durar meses, né. Em algumas etnias, né, esse processo, é um processo longo e a qual adoce uma comunidade inteira caso não seja feito, né. E isso, para nós, é algo importantíssimo para nossa construção como sujeitos, para nós como sujeitos de um coletivo (COIAB, 2021, Rejane Kaingang, 3º episódio).

O enredo dos conflitos se desenvolve em um movimento que, no geral, conforme propõe Motta (2013) a partir das contribuições teóricas de Claude Bremond, intercala momentos de desestabilização, onde o narrador retrata as situações de emergente necessidade por suprimentos e medicamentos, por exemplo, e momentos de estabilização, quando as lideranças recorrem a instituições não-governamentais para dar suporte às comunidades indígenas, e estas retomam situações mínimas para lidarem e sobreviverem à pandemia.

No 5º movimento, Motta (2013, p. 173), partindo da proposta de Cândida V. Gancho, trata as personagens como entidades (personas) que, mesmo quando relacionadas a sujeitos reais, sempre se configuram como “uma invenção do discurso narrativo”. No *podcast* que analisamos não é diferente. Os jovens e lideranças indígenas são indivíduos reais, que vivenciaram experiências reais e que, por esse motivo, estão sempre na perspectiva de instigar ora efeitos de verossimilhança, ora efeitos de sentido (empatia, tristeza, esperança etc.).

Apesar da persona do narrador conduzir a narrativa, a partir da autoria das perguntas, do recorte das falas e das abordagens adotadas, também assume o papel de personagem quando compartilha percepções e experiências. Como uma estratégia para produzir efeitos do real, no geral, o narrador se refere aos convidados como lideranças indígenas, atribuindo autoridade e veracidade a suas falas, prática já identificada em outras produções midiáticas protagonizadas por esses povos (COSTA; COSTA, 2020). Em meio a esse denominador comum, identificamos profissões da área da saúde, cargo em organização indígena, e função em instituição de ensino e na comunidade indígena.

Baseado em Todorov, Motta (2013) sugere, a respeito das personagens, a

reflexão sobre as ações mais relevantes, os chamados predicados, bem como as ações opostas a elas, na intenção de aprofundar a análise dos conflitos da história. Em nossa comunicação narrativa, notamos que as ações mais relevantes se encontram no novo 3º episódio, tendo como ações opostas, principalmente, as derivadas dos efeitos das *fake News*.

“Quem narra tem sempre algum propósito”, como destaca Motta (2013, p. 196). No *podcast*, percebemos que os recursos argumentativos conduzem o ouvinte ao reconhecimento da verdade dos povos indígenas, das motivações que os levam a reivindicarem e lutarem pela efetividade de políticas públicas.

A compreensão das estratégias argumentativas, referente ao 6º movimento, já está contemplada nos movimentos anteriores, quando abordamos o efeito do real e os efeitos de sentido, tanto por meio dos relatos quanto pelos efeitos sonoros.

A análise das metanarrativas, que corresponde ao 7º movimento, foi igualmente abordada ao longo dos demais movimentos, sobretudo quando apontamos o caráter político, moral, cultural e psicológico dos conflitos da comunicação narrativa. A emergência desses conflitos expõe a profundidade das temáticas que os episódios abordam, não se resumindo ao contexto da narrativa em si, mas desvelando a amplitude das questões e do impacto que exercem sobre a vida desses povos.

Se nos arriscarmos a alcançar a compreensão da “moral da história”, da forma como acontece em fábulas infantis, conforme nos instiga Motta (2013), é possível que cheguemos à assertiva de que: o direito à vida é para todos, aos da cidade, do campo, das florestas, da beira dos rios, das aldeias, dos quilombos. Garantir a vida, todas as formas de vida, não é uma obrigação, é uma missão em si de toda a humanidade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A comunicação narrativa presente no *podcast* Vozes Indígenas da Amazônia busca proporcionar uma representação discursiva da realidade não apenas das

etnias que se fazem presentes a partir da participação de algum convidado ou jovem comunicador, mas de todos os indígenas brasileiros, em intensidades menores ou maiores.

A realização do Projeto PIACC e o protagonismo da Rede de jovens comunicadores indígenas da COIAB demonstram a importância da mobilização desses jovens a partir de práticas educacionais, uma vez que a participação ativa na concepção, produção e disseminação dos conteúdos possibilita o melhor entendimento sobre suas demandas e os transforma em agentes de mediação do olhar de seus povos, oportunizando a reverberação de suas vozes em diferentes formatos e línguas e fortalecendo o protagonismo juvenil indígena diante de sua própria história.

Os esforços (edu)comunicativos de organizações indígenas para reconhecer e valorizar suas ancestralidades, saberes e culturas expõem a luta que há séculos travam para o reconhecimento de seus direitos não apenas pela terra, mas pela manutenção da própria existência, reforçando a importância de pesquisas e investimentos de todas as ordens para a valorização de suas raízes, tão deles quanto nossas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio. **Marca Amazônia**: o marketing da floresta. Curitiba: CRV, 2016.

BASTOS, Helder. Ciberjornalismo e Narrativa Hipermédia. **Prismas.com**, Porto, v. 1, n. 1, p. 3-15, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3QtHhL4>. Acesso: em 7 ago. 2022.

BELTRÃO, Jane Felipe; BELTRÃO, Jimena Felipe. Povos Indígenas & Comunicação na(s) Amazônia(s). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 341-354, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Y12CFq>. Acesso em: 24 set. 2021.

BERNARDES, Júlio. Tensões políticas levaram Brasil a fracassar no combate à covid-19, aponta relatório. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3zuPjMO>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e Desconectados**: Mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CHAGAS, Luan; CRUZ, Marcio Camilo da; BARTNISKI, Jenisson Edy Viana. O podcast e o "áudiozap" como estratégias etnomidiáticas no combate ao coronavírus

em comunidades indígenas. **Razón y Palabra**, Monterrey, v. 24, n. 110, jan/abr. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3SjDCKt>. Acesso em: 13 jul. 2022.

COSTA, Vânia Maria Torres; COSTA, Alda Cristina. Narrativas de si: as experiências audiovisuais dos indígenas sobre a covid-19. In: XVIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. **Anais [...]** Online, 2020, p. 1-18. Disponível em: <https://bit.ly/3zRPbFi>. Acesso em: 20 set. 2021.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. In: XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019. **Anais [...]** Online, 2019, 1-14. Disponível em: <https://bit.ly/3ByDKGY>. Acesso em: 7 jul. 2022.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zTjw6j>. Acesso em: 21 set. 2021.

LOZOVEI, Jéssica Cristina. Estudo da Rede de Comunicadores Wayuri: espacialização e territorialidades construídas a partir da comunicação popular. **Revista Contra Corrente**, Manaus, v. 17, n. 2, p. 241-260, jul/dez. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3QfhaY1>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Torres; COSTA, Alda Cristina. Narr'Amazônia: ser e estar nas narrativas do mundo. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém-PA, v. 3, n. 4, p. 1-23, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3eEMtK3>. Acesso em: 20 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS**, Brasília, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3vuJnBZ>. Acesso em: 6 abr. 2022.

PEREIRA, Eliete da Silva. Pós-modernidade e mídias nativas: a comunicação indígena brasileira audiovisual. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 18, n. 2, p. 97-105, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/39PnSAP>. Acesso em: 22 set. 2021.

QUEM Somos. **COIAB**, 2020. Disponível em: <https://coiab.org.br/quemsomos>. Acesso em: 6 abr. 2023.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. Produção de sentidos sobre a Amazônia: dos colonizadores aos tempos atuais. In: AMARAL FILHO, Otacílio *et al.* **Pesquisa em Comunicação na Amazônia**. Belém: FADESP, 2010, p. 61-71. Disponível em: <https://bit.ly/2IhpER3>. Acesso em: 16 set. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educação a distância como prática educacional: emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública. **Revista USP**, São Paulo, n. 55, p. 56-69, set/nov. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3p8MFGv>. Acesso em: 15 set. 2021.

Vozes Indígenas da Amazônia. [Loucação de]: Rede de Jovens Comunicadores Indígenas da COIAB. Manaus: **COIAB**, abr. 2021. Podcast. Disponível em:

<https://spoti.fi/3MnLxwH>. Acesso em: 6 abr. 2023.

---

**Notas:**

Uma versão preeliminar deste artigo foi apresentada no 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado de 9 a 11 de novembro de 2022, em Fortaleza (CE).

<sup>1</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3P4IN6m>. Acesso em 2 ago. 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://adbl.co/3Panv62>. Acesso em 2 ago. 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://amzn.to/3oPreLO>. Acesso em 2 ago. 2022.

---

**SOBRE OS AUTORES:****Hericley Serejo Santos**

Doutorando em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom), na Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal do Pará (IFPA). Graduado em Comunicação Social - Habilitação em Relações Públicas com Ênfase em Turismo, pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (IESAM). Relações Públicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0483-899X>

E-mail: [hericleyrep@gmail.com](mailto:hericleyrep@gmail.com)

**Vânia Maria Torres Costa**

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada em Comunicação - Jornalismo (UFPA).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0493-8763>

E-mail: [vaniatorres@ufpa.br](mailto:vaniatorres@ufpa.br)

**Artigo recebido em: 06 abr. 2023. | Artigo aprovado em: 18 ago. 2023.**